

A IDENTIDADE PERIFÉRICA POR MEIO DO DISCURSO DE RAPPERS BRASILEIROS

Gabrielli Caroline Akimoto (IC) e Alexandre Marcelo Bueno (Orientador)

Apoio: PIBIC CNPq.

RESUMO

Este artigo utiliza a teoria semiótica de linha francesa, focado na temática e nas questões figurativas dos discursos para compreender a construção identitária de grupos periféricos, os quais frequentemente são alvos de preconceitos e injustiças. O objeto de estudo são as produções audiovisuais de rappers brasileiros, como o grupo Racionais MC's, MV Bill, Emicida e Filipe RET, e suas músicas "Vida Loka parte II"¹, "Soldado do Morro"², "Chapa"³ e "GONÊ"⁴. A escolha desses músicos foi considerada por causa de sua contribuição social e artística que promovem para o seu público, seja por propiciar uma maior visibilidade para os moradores da periferia, como também pelas reflexões e debates em temas como o preconceito racial. A partir de suas obras, são colocadas em análise as formas utilizadas para esses artistas se expressarem e o funcionamento discursivo enquanto um meio representativo, além de se refletir sobre o contexto social, cultural e econômico como elementos discursivos. Ao escolher o rap, são perceptíveis certas características que estão presentes nas composições desses artistas como o discurso coloquial marcado por gírias e o caráter social e de denúncia em suas letras, uma vez que a maioria dos músicos e dos ouvintes pertencem à mesma realidade e, conseqüentemente, vivenciam conflitos como a violência, a segregação e a desigualdade.

Palavras-chave: Periferia. RAP. Identidade.

¹ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ahElnyfHbl>>

² Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5dN3BdlYnTM>>

³ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=qjFQA9MswkM>>

⁴ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ql6FE-9n2c0>>

ABSTRACT

This article uses the discursive semiotics, focusing on thematic and figurative issues of the discourses to understand the identity construction of peripheral groups, which are often targets of prejudice and injustice. The objects of this study are the audiovisual productions of Brazilian rappers, such as the group Racionais MC's, MV Bill, Emicida and Filipe RET, and their songs "Vida Loka parte 2", "Soldado do Morro", "Chapa" and "GONÊ". The choice of these musicians was considered because of the social and artistic contribution that they promote to their audience, either by providing bigger visibility for residents of the periphery, but also by reflections and debates on topics such as racial prejudice. From their works, the forms used by these artists to express themselves and the discursive performance as a representative mean are analyzed, in addition to reflecting on the social, cultural, and economic context as discursive elements. When choosing rap, specific characteristics that are present in the compositions of these artists are noticeable, such as the colloquial speech marked by slangs and the social and reporting character in their lyrics, since most musicians and listeners belong to the same reality and, consequently, they experience conflicts such as violence, segregation, and inequality.

Keywords: Periphery, rap, identity

Keywords: Periphery. RAP. Identity.

1. INTRODUÇÃO

A língua possui uma função social da qual garante a interação humana. Assim, é por meio dela que são possibilitadas as transmissões de emoções, visões de mundo e pensamentos. Ela também é responsável pela construção da identidade de determinados grupos, pois, ao garantir o convívio de indivíduos que podem ou não ter maneiras parecidas de se expressar, são essas semelhanças ou diferenças que farão parte da formação de comunidades que, conseqüentemente, terão características que entram em diálogo entre eles (PRETI, 2007).

Ao analisar os estudos da linguagem verbal, é comum nos depararmos com a ideia de que existe um modelo correto de se falar, conhecido como norma. Entretanto, esse conceito não deve ser o único considerado, já que a língua possui variações que influenciam nas relações humanas.

Desse modo, a variação linguística é a representação das diferentes maneiras que a sociedade possui de falar sobre um mesmo assunto, mas de formas diferentes. Ela pode acontecer por questões geográficas, como a linguagem urbana e rural, por conta de contextos socioculturais em que as pessoas são inseridas como idade, gênero, posição social, grau de escolaridade, entre outros (PRETI, 2009).

Ao observar-se grupos periféricos de regiões urbanas, como São Paulo e Rio de Janeiro, é comum notarmos que é pela variação linguística, como o uso de gírias, e de diversos outros fatores, que se constrói a identidade de uma comunidade. O uso de seus próprios dialetos e gírias como uma forma de expressão é algo comum entre os moradores da periferia, porque se elaboram os sentidos de uma forma coletiva ao se compartilhar experiências e valores parecidos, o que gera um sentimento de proximidade que, através das produções artísticas, conseguem atingir cada vez mais notoriedade e, conseqüentemente, mais pessoas.

Para se observar como a identidade periférica é construída por meio da língua, quatro artistas serão estudados, todos eles rappers brasileiros: o grupo Racionais MC's, MV Bill, Emicida e Filipe RET, e suas respectivas obras "Vida Loka pt II", "Soldado do Morro", "Chapa" e "GONÊ", apresentados a seguir.

Racionais MC's, fundado em 1988 em São Paulo, é composto por Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e KL Jay e, desde então, o grupo canta sobre o pobre, o negro, o

marginalizado. Eles desempenham um papel crucial ao dar visibilidade a movimentos sociais, incluindo o movimento negro.

Alex Pereira Barbosa, conhecido como MV Bill, também começou sua carreira em 1988. Porém, em um primeiro momento, cantando samba enredo em seu bairro. Nascido na Cidade de Deus, MV Bill é rapper, escritor, ativista e ator. Suas músicas falam sobre o tráfico, o crime, preconceito racial e injustiças. MV Bill também contribui em promover atividades culturais e educacionais para pessoas que vivem na periferia como forma de inclusão social.

Leandro Roque de Oliveira, conhecido como Emicida, é do estado de São Paulo e nos anos 2000 se tornou uma das principais figuras do rap, começando através das batalhas de rima. E se destaca também por seus discursos, livros e sua marca "Laboratório Fantasma", que promove outros artistas periféricos. Suas músicas exploram o racismo, injustiças sociais, política e violência.

Filipe Ret, nascido e criado no bairro do Catete no Rio de Janeiro, começou em 2003 e em batalhas de rima. O artista fala sobre temas como ostentação, drogas e desigualdade, sendo um precursor do uso da linguagem do "Gualín do TTK" em suas músicas, uma forma de comunicação do seu bairro que inclui gírias e a inversão de sílabas.

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é compreender o discurso como um elemento para a construção de identidade entre grupos periféricos por meio de recursos audiovisuais de rappers brasileiros e, como objetivos específicos, essa pesquisa tende a:

1. Analisar as diferenças e as semelhanças temáticas nos discursos dos artistas selecionados.
2. Examinar as diferenças e semelhanças figurativas nos discursos dos artistas selecionados.
3. Refletir sobre o papel da variação linguística na delimitação identitária do grupo social que os artistas representam.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A teoria que será utilizada neste artigo é a semiótica de linha francesa, que tem o texto como um objeto de significação. Conforme esta teoria, a organização de um texto passa por três níveis distintos: o fundamental, o narrativo e o discursivo, do abstrato ao concreto, respectivamente (BARROS, 2005).

Na etapa inicial, chamada de nível fundamental, são formadas interações que se organizam em um quadro axiológico em que são interpretados os valores. Esses valores podem ser considerados positivos ou negativos, disfóricos ou eufóricos, de acordo com o discurso.

Na etapa subsequente, no nível narrativo, são colocadas em perspectiva as ações humanas, que serão classificadas em quatro etapas interconectadas: manipulação, competência, performance e sanção.

A terceira etapa é o nível discursivo, em que são elaborados os temas, as figuras e os atores (personagens) que vão agir em um determinado tempo e espaço.

Assim, a semiótica explora diversos tipos de discursos, sendo um deles a canção, cujos elementos linguísticos e de entonação criam uma relação com o ouvinte e causa uma sensação de diálogo, proximidade e reconhecimento entre o artista e o público (FARIAS, 2003).

Pensando nisso, elementos como o uso de dêiticos, de imperativos e entonações, além da linguagem coloquial e o uso de gírias, são comuns nas canções de raps brasileiros, pois, além de estarem falando para o seu público, também estão falando como ele.

Outra característica do rap está em seu caráter social, marcado por denúncias sobre a realidade periférica, composta por desigualdades, violência, racismo e injustiças. Por conta dessa temática, também será explorada as ligações entre identidade e alteridade, conforme proposto pelo semioticista francês Eric Landowski (2002).

3. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa, de cunho analítico e de perfil bibliográfico. A partir do levantamento bibliográfico de livros e artigos sobre identidade, discurso e linguagem, serão analisados os videoclipes e músicas dos *rappers* citados Racionais MC's, Emicida, MV Bill e Filipe Ret as canções "Vida Loka parte 2", "Chapa", "Soldado do Morro" e "GONÊ". Assim, se observa os estilos e as formas de se comunicar, examinando seus discursos e seus impactos na sociedade.

Ao compartilhar da mesma vivência e identidade de homem negro, assim como os membros dos Racionais, na música "Vida Loka pt II" e "Chapa", do artista Emicida, é exposto o repúdio à violência policial que afeta os moradores das favelas, enquanto também é nutrida uma esperança de retorno de pessoas que, supostamente, desapareceram. O videoclipe foi feito inteiramente em preto e branco, produzindo um efeito de luto, e conta com a participação das mães do movimento "Mães de Maio", uma reação à chacina de aproximadamente 560 pessoas, em sua maioria ocasionadas por forças policiais no estado de São Paulo. Enquanto no videoclipe do grupo Racionais MC's é mostrado a realidade dos jovens que vivem na periferia, o desejo de uma vida melhor e, também, a relação com a polícia. Nas letras das canções, são usadas gírias como "mina", "mano", "pode pa".

Em contraste com esse contexto, no bairro do Catete, subúrbio do Rio de Janeiro, existe o "Gualín do TTK", linguagem usada desde os anos 60 com o intuito de contornar repressões do regime ditatorial. O dialeto consiste em, de maneira ágil, trocar a posição das sílabas. Atualmente é usado durante o dia a dia entre moradores do Catete e bairros próximos e se popularizou através de músicos com o Filipe Ret e Marcelo D2.

Por fim, no videoclipe "Soldado do Morro", do MV Bill, são abordados temas como o tráfico de drogas, a falta de oportunidades, a pobreza e a violência. No refrão da música, é dito "Feio e espero com uma cara de mau, a sociedade me criou mais um marginal" nos faz refletir como a sociedade funciona como um papel causador das condições em que vivem, assim como os Racionais MC's enfatizam que são programados para morrer.

Nos exemplos apresentados, é perceptível como a linguagem se moldou de acordo com as questões sociais, criando uma perspectiva sobre aqueles que vivem na mesma realidade e o Outro, ou seja, aqueles que os observam de fora.

Desse modo, além de possuir características essenciais do rap como as entonações fortes, frases imperativas, interrogativas e exclamativas através de gírias (Farias, 2003), todos os músicos tratam de um tema comum mantendo os dialetos das suas regiões, o que instiga a identificação mesmo que cada um os apresente com perspectivas diferentes.

A música como forma de arte e expressão cultural desempenha um papel importante na comunicação de emoções e valores sociais, além de contribuir na preservação da memória coletiva. No Brasil, a música hip-hop e rap emergiu como um gênero que dá voz às comunidades marginalizadas, permitindo que seus integrantes compartilhem de experiências e questionem as estruturas de poder e injustiça que os afetam (REIS, 2018).

Assim, os discursos e atitudes dos rappers brasileiros têm a capacidade de promover mudanças da imagem e do comportamento criados por um senso comum externo que não compreende ou não quer compreender suas vivências. Esses não agem somente para aqueles que se reconhecem em suas letras, mas para que a sociedade em si tenha percepção das injustiças e das desigualdades que a classe oprimida enfrenta, dando visibilidade às periferias. Como afirma a psicanalista Maria Rita Kehl:

[...] A força dos grupos de rap não vem de sua capacidade de excluir, mas de colocar-se acima da massa e produzir fascínio, inveja. Vem de seu poder de inclusão, da insistência na igualdade entre artistas e público, todos negros, todos de origem pobre, todos vítimas da mesma discriminação e da mesma escassez de oportunidades (KEHL, p. 96, 1999).

Dessa forma, conhecido pelas rimas e por muitas vezes conter um conteúdo de críticas sociais, o rap brasileiro é um símbolo de resistência. Ao tratar desses assuntos, costumavam ser frequentemente rejeitados pelas classes mais altas, além do frequente discurso enraizado por preconceitos e estereótipos que ligam esses grupos à delinquência seja por conta da sua oralidade, entoação e até mesmo encenação (PITTA, 2018) ou por conta da discriminação racial e social. Entretanto, foi

por meio das composições dos cantores citados que as denúncias passaram a se disseminar e a conquistar seu espaço no cenário urbano, tornando-se modelos para seus ouvintes.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

AS CANÇÕES

Ao falar sobre indivíduos que vivem em lugares distantes do centro das cidades e das más condições de vida, se constrói uma imagem baseada, muitas vezes, em estereótipos reforçados pela mídia e outras instituições de poder. Quando os artistas citados se expressam através das suas obras, nos é apresentado uma perspectiva além do senso comum, baseada em arte e sobrevivência.

Desafiar aqueles que estão no poder, alertar os que vivem nas mesmas condições, colocar para fora a dor do preconceito e da desigualdade, são apenas algumas das temáticas que esses e outros cantores de rap abordam e assim registram suas vozes para um mundo que tanto tenta silenciá-los. A seguir, partiremos para a análise das composições.

4.1 VIDA LOKA PT II

Com o discurso de denúncia e conscientização, a música "Vida Loka pt II" descreve a realidade da periferia, do negro, do pobre e do marginalizado. O uso de gírias está presente durante toda a música, inclusive, no próprio nome. O "vida loka" é a gíria para o "bom bandido", aquele que corre o perigo, mas que não será punido pelo julgamento de Deus, pois as condições em que vivia o fez tomar essas decisões. Assim como Dimas, "o primeiro vida loka da história" que, segundo a tradição bíblica, foi um ladrão e o primeiro a entrar no reino dos céus.

Outras gírias são usadas como "gambé", "zóio", "pião", "firmeza", assim como "mano" e "nois", que produzem o efeito de identidade e também, principalmente as duas últimas citadas, como uma forma de tratamento. Ao chamar o ouvinte de "mano", por exemplo, o grupo está falando de igual para igual e também está convocando

diretamente esse ouvinte a fazer parte da mesma luta por melhorias e contra a discriminação (KEHL, 1999).

Esse diálogo está presente em toda a construção da música, seja com o ouvinte ou no começo, no qual Mano Brown está conversando por telefone com um colega que está preso ou quando Ice Blue fala diretamente com Mano Brown, o chamando de "sangue bom".

Desse modo, se no rap é comum encontrarmos um destinador e um destinatário em um diálogo de igualdade em oposição a um terceiro grupo, como a polícia e os playboys, nessa música surge uma nova figura, o "Zé Povinho": aquele que também vive na periferia, porém, que não segue a mesma luta nem compartilha os mesmos valores dos destinadores. Eles são assim considerados traidores. A divisão agora está entre os "guerreiros de fé", que estão na luta diária, os "playboys" que são ricos e não vivem a mesma realidade, a polícia que os persegue e os "zé povinho" (TIARAJU, 2013).

Uma outra figura comum que aparece na música e em outras canções de rap é a presença da família, que serve como um combustível para que o narrador vá atrás de dinheiro e proteção. Eles não estão na vida do tráfico porque escolheram, mas pela sua mãe e o seu "pivete", seu filho.

Portanto, a todo momento, o narrador está em disjunção do seu objeto de valor que, nesse caso, se trata de viver em melhores condições. No trecho, "E eu que sempre quis um lugar, gramado e limpo, assim, verde como o mar. Cercas brancas, uma seringueira com balança, disbicando pipa, cercado de criança" exemplifica esses momentos em que se imagina e deposita esperanças de uma vida diferente. Esses momentos utópicos são os únicos que mudam o cenário que, a todo momento, é narrado e mostrado. Assim, essa vida de ostentação seduz o sujeito e o tráfico se torna uma das opções para alcançá-la, uma realidade que era comum nos bairros periféricos da Zona Sul mostrados no videoclipe, como o Capão Redondo e Jardim Ângela, conhecidos pela violência.

4.2 SOLDADO DO MORRO

De acordo com Landowski (2002), uma das maneiras de compreender sobre ser “si mesmo” está na oposição a um “outro” que o sujeito tem que construir com o fim de ser o seu contrário. Nesse momento, o sujeito sabe ou ao menos crê saber o que vem a ser o Outro para entender que ele não é igual. Para isso, é comum o uso de estereótipos para reafirmar essa diferença (LANDOWSKI, 2002, p. 25). É o que vemos em um dos trechos em que MV Bill diz: “Seria diferente se eu fosse mauricinho, criado a sustagem e leite Ninho. Colégio particular, depois faculdade. Não, não é essa a minha realidade. Sou caboclinho comum, com sangue no olho, com ódio na veia, soldado do morro.”. Ou seja, o Outro aqui é o “mauricinho”, aquele que goza de privilégios dos quais ele não tem. Ele se coloca, portanto, como uma figura oposta.

Além da figura do mauricinho, outras formas de alteridade são encontradas no discurso com papéis distintos. Em relação às mulheres, são apresentadas em três perspectivas actoriais: a “mina de fé”, mulher com quem ele tem uma família. A que passa a desejá-lo por ele ser bandido, com interesse no seu dinheiro e posição e, por fim, a mãe, a única que realmente se importa e sofre pelo filho. Enquanto, aqueles que fazem parte da política, a polícia e a própria sociedade são colocadas como responsáveis pela situação em que vivem, onde constantemente estão em perigo.

O propósito de MV Bill com a música “Soldado do Morro” era fazer com que os jovens da periferia não vissem o crime como uma forma de ascensão social. Dessa maneira, fez questão que o videoclipe fosse gravado mostrando cenas reais (MV BILL, 2022, p. 113). A temática gira em torno da realidade da vida no tráfico, enquanto alguns escolhem essa opção como uma forma de viver, para a sociedade é apenas mais um na estatística, que foram manipulados, seduzidos. Alguém que estava desempregado, se sentindo desprezado, no tráfico é respeitado, está empregado e ganhando dinheiro, em troca da vida.

Na música é notável que o sujeito está, como ele diz, revoltado, com ódio. A busca pelo seu objeto de valor não é completada em momento algum, ele está constantemente nesse estado de privação dos seus direitos, ou seja, aquilo que era esperado do Estado como emprego e boas condições de vida é negado. Assim, ele espera algo do outro, mas se decepciona porque não recebe nada e, por vezes, duvida de sua própria competência (o que geralmente não ocorre nas letras de rap). Ele se

torna, então, frustrado, a primeira etapa da cólera, sentimento que surge e é exposto pelo enunciador, afinal, tudo aquilo que foi prometido por parte da sociedade, por exemplo, não foi cumprido. Diferente de “Vida Loka pt II”, aqui, já não há mais esperanças, não há com o que imaginar, mas ainda existe um desejo de ascensão que só é encontrado no crime. Quando esse contrato com a polícia não é solucionado, os sentimentos de descontentamento, raiva e agressividade tomam conta do narrador (BARROS, 2014). Assim, surge o percurso da cólera, que pode levar à vingança (contra o antissujeito, como a polícia, por exemplo) ou a revolta, voltada contra o destinador, ou seja, a sociedade que os discrimina e os exclui.

“Soldado do Morro” é uma canção que, por estar carregada de denúncias de uma realidade da qual uma grande parte das instituições de poder busca oprimir, foi considerada uma ameaça, gerando polêmicas (MV BILL, 2022, p. 188) não apenas por ele estar falando sobre o crime, mas também pela forma em que foi gravada, o uso das gírias e palavras consideradas violentas, além das características físicas, como a música diz: “Feio e esperto com uma cara de mal, a sociedade me criou mais um marginal”. Assim, o que está em jogo não se trata apenas das questões socioeconômicas, mas também a sua aparência, a sua forma de agir.

4.3 CHAPA

No clipe e na música “Chapa” do rapper Emicida, a temática está voltada a violência policial contra os moradores da periferia. O videoclipe é todo em preto e branco, o que, no livro “Psicologia das Cores: Como as cores afetam a emoção e a razão” de Eva Heller, remete ao branco ao começo e o preto a ausência de luz, sendo o último associado a violência, ao poder e a morte (HELLER, 2002). Desse modo, ao usar essas cores junto com dados apresentados logo no início do vídeo e a letra, Emicida fala do luto, da esperança do racismo e da discriminação.

Comparada às outras músicas apresentadas, a letra segue uma narrativa que não escancara de fato o tema. Em algumas versões, existe uma mulher, integrante do movimento “Mães de Maio” falando sobre a morte do seu filho. Ao relacionar essa introdução à letra e junto ao clipe, se torna explícita a questão do luto e da espera. Ao final do videoclipe, são expostas de forma visual informações reais com números de pessoas mortas por PMs no Estado de São Paulo em comparação ao número de

mortes de PMs e o aumento da taxa de homicídio de pessoas negras, escancarando, através de fatos, a violência policial e o preconceito racial.

Tendo em vista esse contexto, na letra, encontramos um narrador em disjunção ao seu objeto de valor que se apresenta como uma pessoa que não se sabe o paradeiro, mas, mesmo assim, é cantado diretamente para essa pessoa, como se ela pudesse ouvir. Desse modo, são postas duas alteridades, mais uma vez, a mãe e a mulher com quem a pessoa tinha uma relação afetiva e alguns conhecidos que perguntam por esse sujeito.

Diferentemente das outras canções, aqui o narrador não fala diretamente com o seu público, mas sim com uma pessoa que, na verdade, está desaparecida. Ou seja, ele quer saber da pessoa, mas tudo não passa de uma esperança de ter respostas. Ele está conversando com um indivíduo ausente. Ao tratar dessa pessoa, Emicida usa gírias como "chapa" e "djow", o que demonstra um nível de proximidade, como se houvesse uma intimidade e conhecesse as pessoas próximas a ela.

Dessa forma, pode se tratar tanto de uma experiência pessoal da qual o cantor já passou, como de um coletivo que também enfrentou a mesma situação e por isso a presença do movimento "Mães de Maio". Ao usar alteridades como mãe, namorada, "pivetes", ele transforma como algo que, segundos os dados apresentados, pode acontecer com qualquer um que seja visto como um marginal.

A forma com que o rapper explora a coloquialidade da língua oral junto de gírias comuns como "rolê", "zica", "nois", "pode pa", entre outras, ele transmite uma naturalidade que oferece ao ouvinte momentos reais, com figuras do mundo real (SEGRETO, 2015). Aqui, o Outro continua sendo uma sociedade que não compreende as questões de injustiça e violência da qual a periferia está sujeita.

4.4 GONÊ

Representando uma geração mais atual, o rapper carioca Filipe Ret tem popularizado através das suas músicas o dialeto do seu próprio bairro, o Catete, localizado no Rio de Janeiro. Sua obra é marcada também pela marginalização, porém, em um cenário suburbano, ou seja, com a presença do centro, das praias e de outros bairros e influenciado por diferentes culturas.

A linguagem usada pelos moradores locais é conhecida como o “Gualin do TTK” ou “língua do Catete”. Nela, ao invés de ter apenas as gírias, as ordens das sílabas também são invertidas na hora de falar. A música “GONÊ” do cantor e algumas outras foram feitas usando apenas o dialeto do TTK e expõe as dificuldades da população periférica. Logo, podemos notar na letra gírias como "pela saco", "zuar", "marola", porém, traduzidas para a língua do Catete, "lape cosa", "arzu" e "laroma".

Em “GONÊ”, os protagonistas são duas crianças negras brincando com uma arma de água, correndo pelo campo e depois pelo bairro do Catete. Na maior parte do clipe, aparece o rapper Filipe Ret com efeitos especiais e alguns flashes com imagens que abordam temas como crianças armadas, drogas, repressão policial e protestos. No começo, é explicado o que é a “língua do KTT”, linguagem que percorre o vídeo inteiro.

O uso da língua do Catete pelo Filipe Ret e outros rappers está, também, além do marco identitário e particular do bairro, no contexto histórico em que ele se desenvolveu e os motivos. Historicamente, o bairro foi cenário de diversos protestos e repressões contra a Ditadura Militar, portanto, a linguagem foi usada para mascarar conversas que podiam ser censuradas na instauração do AI-5, um ato institucional em que oprimia todos àqueles que eram contra ao autoritarismo do governo.

Portanto, o TTK se trata de uma linguagem específica usada por um grupo de pessoas que possuem características comuns com o intuito de que as mensagens que serão faladas não sejam entendidas por pessoas externas (VITAL, 2020). Nesse caso, o uso atual dos jogos de palavras, a troca de sílabas e as gírias fizeram possível uma transformação na forma de expressão do artista e de outros rappers como Marcelo D2 e Sain, que compartilham da mesma experiência de ter morado no Catete ou em bairros próximos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Landowski (2002), para a construção da identidade, são avaliados fatores que não podem ser dissociados, como o contexto social, cultural e político. Por conta disso, o olhar sobre a periferia urbana pode ser moldado por experiências como discriminação, marginalização, violência e exclusão, podendo ser caracterizada pela

sensação de estar à margem do que é considerado o centro, tanto geograficamente quanto em relação aos seus direitos humanos, resultando em injustiças sociais.

A análise semiótica das músicas e videoclipes de Racionais MC's, MV Bill, Emicida e Filipe RET envolve a interpretação de signos, símbolos e significados presentes em todas as suas letras e contextos culturais, entendido como outros discursos que delimitam os sentidos dos discursos analisados. Todas essas músicas abordam questões relacionadas à realidade social, política e cultural, especialmente das comunidades marginalizadas do Brasil. Assim, através da sua arte, estes expressam suas preocupações, abordando temas como desigualdade, violência, racismo e a luta por direitos e justiça.

Essas músicas são fortemente enraizadas em suas identidades sociais e culturais. Os artistas usam, além de elementos temáticos, também elementos linguísticos que refletem suas experiências, reforçando o senso de pertencimento e resistência. Elementos como uso de vocativos como "chapa", "mano", "sangue bom", "nois", interrogações, imperativos, fazem com que o diálogo seja direcionado e provocam uma reflexão ao ouvinte.

Segundo proposta de Landowski (2002) e das canções analisadas, é possível identificar, por exemplo, que algumas músicas podem ser entendidas como ajustes, como a do MV Bill e Racionais MC's, uma vez que o narrador se adapta a realidade social, mas também busca por mudanças e transformações. Além de encontrarmos elementos da semiótica como a manipulação.

As músicas desses artistas transitam entre narrativas pessoais e coletivas para abordar questões amplas. Essa interação entre o individual e o coletivo ajuda a construir uma identidade compartilhada e um sentimento de comunidade, afinal, o indivíduo constrói a sua identidade através, também, do seu pertencimento em um grupo onde suas características podem ser definidas pelo externo, ou seja, a sociedade, e o interno, àqueles que fazem parte do mesmo grupo (LANDOWSKI, 2002, p. 34). O uso do "Gualín do TTK", nesse caso, além de causar uma maior visibilidade aos bairros periféricos que utilizam essa linguagem, também provoca um reconhecimento e a sensação de pertencimento entre eles. Assim como a experiência de perder alguém pela violência policial, como canta o Emicida.

Sendo assim, a presença do “Outro” é evidente nas músicas dos artistas apresentados, pois na medida em que abordam questões de exclusão, ao mesmo tempo a ausência do “Outro” é sentida em sua luta por reconhecimento e voz em uma sociedade que, na maioria das vezes, os silencia. O Outro atua como aquele que detém e priva aquilo que é o objeto de valor do enunciatário, como uma melhor qualidade de vida, segurança e direitos, sendo esses os playboys, a polícia e uma massa privilegiada da sociedade.

Ao comparar as quatro canções, é notável que, apesar de abordarem temas semelhantes, ainda sim existem diferenças em como eles são retratados. Racionais MCs e MV Bill, apesar de residirem estados diferentes, são da mesma geração e viveram em um momento transitório da política do Brasil, momento em que a violência contra o negro e o marginal aumentaram, junto à desigualdade social. Como afirma Mano Brown em uma entrevista para o Roda Viva em 2007, o grupo foi criado em um momento em que eles eram um alvo de extermínio. Isso é afirmado por MV Bill em uma entrevista para o programa Provoca, em 2022, em que diz que a realidade de hoje é diferente da que ele vivia, que hoje os jovens que ele retrata em suas músicas, aqueles que não tinha opções, hoje tem a possibilidade de meio de ascensão por meio de projetos sociais. Dessa forma, a agressividade nas letras, na entoação e o sentimento de frustração é mais presente nas canções de ambos. Isso pode indicar um estilo coletivo geracional, o que poderá ser mais bem observado em pesquisas futuras.

Ao considerar os padrões que moldam e são reproduzidos ao longo da história em relação a percepção de grupos marginalizados, surge uma imagem estereotipada e preconceituosa de moradores da periferia. Essa imagem tende a rotulá-los e, conseqüentemente, a invalidar suas identidades e particularidades. Este equívoco impacta a forma com que essas pessoas vivem e são inseridas na sociedade, frequentemente colocando-os em situação de risco.

A relevância deste projeto está em destacar e compreender fatores que contribuem na formação da variabilidade linguística entre as comunidades, como o contexto e a cultura, na formação de dialetos dos quais são manifestadas as identidades de cada grupo, que se expressam de maneiras diferentes.

Além de abordar preconceitos decorrentes do racismo, injustiça social e econômica presentes nas canções, esse artigo também propõe apontar o discurso do rap como uma forma de resistência e de mudança. Sendo, portanto, de extrema importância abordar um tópico científico que é socialmente relevante e contemporâneo, com a intenção de tratar esse assunto que propõe diferentes perspectivas e linguagens, a fim de disseminar o entendimento do tema e dissipar a ignorância que o envolve, além de estimular e direcionar a sociedade para um patamar de reconhecimento e maior igualdade

6. REFERÊNCIAS

BARROS, Diana. Sobre o Sentido II. 1 ed. São Paulo: Nankin, 2014.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria Semiótica do Texto. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2005.

BILL, MV. A vida me ensinou a caminhar. 1. ed. [S. l.]: Age, 2022.

D'ANDREA, Tiarajú. A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. *In*: D'ANDREA, Tiarajú. A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, [S. l.], 2013. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18062013-095304/publico/2013_TiarajuPabl oDAndrea_VCorr.pdf. Acesso em: 18 jul. 2023.

FARIAS, Iara. Elementos de Semiótica aplicados na canção RAP. Cadernos de Semiótica Aplicada, Rio de Janeiro. Junho de 2003. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/download/570/491/1574>. Acesso em: 04 abr. 2022.

KEHL, M. A GRANDE FRATRIA DO RAP... C. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/7DjwY79M59dvqDbxssRGvVR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jul. 2023

LANDOWSKI, Eric. Presenças do Outro. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PITTA, A. C. (2018). Aspectos Cancionais do Rap em Criolo e Emicida. *Revista Crioula*, (21), 641-673. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.143063>

PROVOCA. MV Bill | Provoca | 10/04/2022. Youtube. 19 de abril de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=l7x7-cq-SzE>>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

PRETI, Dino. Estudos da Língua Falada. 3 ed. São Paulo: Humanitas, 2009.

PRETI, Dino. Sociolinguística. Os níveis de fala. 9 ed. São Paulo: EDUSP, 1 de janeiro de 2003

REIS, Cristiano Lima de Araujo. Dor, negritude e resistência em discursos poéticos "da ponte pra cá". 2019. 196 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

RODA VIVA. Mano Brown | 2007. Youtube. 15 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=laQWmNkqkSg&t=422s>>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

SEGRETO, Marcelo. A linguagem cancional do rap. *In*: SEGRETO, Marcelo. A linguagem cancional do rap. 2015. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) Universidade de São Paulo, [S. l.], 2015. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-16062015-131826/publico/2015_MarceloSegreto_VCorr.pdf. Acesso em: 17 ago. 2023.

VITAL, Felipe. Uma análise otimalista da morfoprosódia da "linguagem do TTK". 2020. Monografia (Graduação em Letras) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO FACULDADE DE LETRAS, [S. l.], 2020. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/12701/3/FSVital.pdf>. Acesso em: 19 de maio de 2023.

Contatos: gabiakimoto@gmail.com e alexandre.bueno@mackenzie.br